A EVOLUÇÃO DO SISTEMA DAS CONSOANTES PORTUGUÊSAS

(Continuação:
Do galego-português ao português.)

Eurico Back

22. Evolução vocabular.

22.1. Apócope das vogais anteriores.

As vogais anteriores, finais de vocábulo, sofrem apócope, quando precede uma consoante, apical, sonora, intervocálica excetuados /t/, /d/, /s/, ou (y). As consoantes que ocorrem neste ambiente são /d^z/, /z/, /n/, /l/, /R/ e /y/. Tôdas essas consoantes se transformam automàticamente de explosivas em implosivas e a africada e a fricativa alcançam uma nova distribuição, a posvocálica. Contudo, a conseqüência maior é a redução do volume vocabular, não tanto pela perda de um fonema, mas pela perda de uma sílaba: numerosos vocábulos paroxítonos se transformam em oxítonos.

Exemplos.

lucem	"luz"	... /'lud^{z}E/	— /'lud^z/...
pacem	"paz"	... /'pad^{z}E/	— /'pad^z/...
dicit	"diz"	... /'did^{z}e/	— /'did^z/...
feci	"fiz"	... /'fid^{z}i/	— /'fid^z/...
mensem	"mês"	... /'mezE/	— /'mez/...
posui	"pus"	... /'puzi/	— /'puz/...
posuit	"pôs"	... /'poze/	— /'poz/...
capitalem	"cabedal"	.../kabe'dalE/	— /kabe'dal/...
canalem	"cal"	... /ka'nalE/	— /ka'nal/...
salem	"sal"	... /'salE/	— /'sal/...
solem	"sol"	.../'sOlE/	— /'sOl/...
crudelem	"cruel"	... /kRu'ELE/	— /kRu'El/...
panem	"pão"	... /'panE/	— /'pan/...
canem	"cão"	... /'kanE/	— /'kan/...
tenet	"tem"	... /'tEnE/	— /'tEn/...
mare	"mar"	... /'maRE/	— /'maR/...
amorem	"amor"	.../a'moRE/	— /a'moR/...
cantare	"cantar"	.. /kan'taRE/	— /kan'taR/

"Pronunciado **dz** êsse z não rimava com o s final nos primitivos cancioneiros..." (Williams, 1961, 103).

22.2. Transformação de proparoxítonos em paroxítonos.

Certos vocábulos proparoxítonos se transformam em paroxítonos, pela eliminação da penúltima sílaba, em determinadas condições:

a) A vogal intensiva deve ser o último fonema da sílaba.

b) A penúltima sílaba deve ser do tipo CV, em que a consoante seja uma daquelas que pode ocorrer como implosiva: /s/, /m/, /n/, /l/ e /R/.

c) A vogal da penúltima sílaba deve ser anterior.

A evolução se processa pela síncope dessa penúltima vogal e a passagem da consoante precedente para a sílaba intensiva, transformando a sílaba intensiva de sílaba livre em sílaba travada.

'V. CV. CV — 'VC. CV

A sílaba intensiva, após a evolução, é do tipo VC, sem inovação, porque os ocupantes da posição consonantal continuam sendo os mesmos na língua. Parece que não havia obstáculo para esta evolução, porque não se chocou com os encontros consonantais criados pela primeira (6.2.) transformação de proparoxítonos em paroxítonos. É preciso lembrar que a consoante entre duas últimas vogais foi eliminada, quando era oclusiva sonora (11); se era (t) ou (k) sonorizou-se (17.1.) e assim surgem numerosos vocábulos que têm a última sílaba iniciada por /d/ ou /g/, precedidos de outra consoante.

Exemplos.

aliquod	"algo"	... /'alegO/	— /'algO/...
limites	"lindes"	... /'limedes/	— /'limdes/...
animam	"alma"	... /'anema/	— /'anma/...
pulicem	"pulga"	... /'pulega/	— /'pulga/...
manicam	"manga"	... /'manega/	— /'manga/...
comitem	"conde"	... /'kOmedE/	— /'kOmdE/...
semitam	"senda"	... /'semeda/	— /'semda/...
amaremus	"amarmos"	.../a'maRemos/	— /a'maRmos/.
amaretis	"amardes"	... /a'maRedes/	— /a'maRdes/.

Mas **amávamos** não podia seguir o mesmo caminho: a consoante era /v/ e a vogal /a/. Nem **amássemos** e **amásseis** seguiram o caminho. Por quê? Seqüência de duas sílabas com /s/ final — /amasmos/, /amasdes/?

22.3. Restrição ao /n/ intervocálico.

A existência das vogais nasais trouxe uma redundância: não havia oposição entre os dois encontros silábicos seguintes: a) vogal nasal, consoante nasal, vogal; b) vogal nasal, vogal. Este segundo tipo de sílaba era inexistente na língua. Portanto, o mesmo vocábulo podia realizar-se com maior economia pelo segundo tipo de sílaba. E, por esta razão, sofreu síncope todo (n) colocado entre uma vogal nasal e outra vogal.

Exemplos.

generalem	"geral"	...(dʲÉnE'RalE)	— (dʲÉÉ'RalE)...
tenes	"tens"	...('tÉnes)	— ('tÉes)..
uenam	"veia"	...('véna)	— ('véa)...
sinum	"seio"	...('séno)	— ('séo)...
arenam	"areia"	...(a'Réna)	— (a'Réa)...
gallinam	"galinha"	...(gal'lína)	— (gal'lía)...
caminum	"caminho"	...(ka'míno)	— (ka'mío)...
uinum	"vinho"	('víno)	— ('vío)...
bonum	"bom"	...('bÓno)	— ('bÓa)...
sonat	"soa"	...('SÓna)	— ('SÓa)...
sonum	"som"	...('sÓno)	— ('SÓo)...
latrones	"ladrões"	...(la'drónes)	— (la'dróes)...
ponere	"pôr"	...(pó'neRE)	— (pó'eRE)...
communes	"comuns"	...(kom'múnes)	— (kom'mues)...
unum	"um"	...('úno)	— ('úo)...
lunam	"lua"	...('lúna)	— ('lúa)...
lanam	"lã"	...('lána)	— ('láa)...
canes	"cães"	...('kánes)	— ('káes)...
granum	"grão"	...('gRáno)	— ('gRáo)...

22.4. Nova síncope de vogais anteriores.

Com a apócope das vogais anteriores (22.1.) houve redução do volume vocabular: a perda de uma sílaba. Com a síncope das vogais anteriores (22.2), houve mais uma redução de volume vocabular com nova perda de uma sílaba. Numa época, um pouco posterior a essa última evolução, depois da síncope do /n/ intervocálico, mas antes da síncope do /l/ intervocálico, processou-se nova redução do volume vocabular, também em sílaba adjacente à intensiva; desta vez, porém, em sílaba que precede a intensiva. A evolução só ocorre em determinadas condições:

a) Sílaba fraca, adjacente à intensiva e precedendo-a.

b) Sílaba interna.

c) Vogal anterior.

d) Seqüência... V. CV. 'CV.

e) A consoante deve ser uma daquelas que podiam ser implosivas em sílaba interna: /s/, /m/, /n/, /l/ ou /R/; o encontro deve ser um dos já existentes.

A consoante que precede a vogal que sofre síncope, passa para a sílaba precedente e se torna implosiva.

A síncope não ocorre, quando o resultado seria um grupo estranho à língua, como (m.n) ou uma seqüência de três consoantes diferentes. "Palavras em que tal síncope ocorreu, com a perda de uma das consoantes, são muitíssimo excepcionais e provàvelmente empréstimos do espanhol, francês ou provençal: aestimare — esmar; masticare — mascar; uindicare — vingar". (Williams, 1961, 68).

Contudo é possível que a síncope se tenha efetuado, quando a consoante precedente era geminada.

Exemplos.

delicatum	"delgado"	.../dele'gado/	— /del'gado/.
molinarium	"moleiro"	.../mole'neyRo/	— /mol'neyRo/...
comitatum	"condado"	.../kOme'dado/	— /kOm'dado/...
semitarium	"sendeiro"	.../seme'deyRo/	— /sem'deyRo/...
ueritatem	"verdade"	.../veRe'dadE/	— /veR'dadE/...
follicare	"folgar"	.../fOlle'gaRE/	— /fol'gaRE/...

22.5. A síncope do /l/ intervocálico.

No X século (Vasconcelos, 1959, 266) se iniciou o desaparecimento do /l/ entre vogais. Trata-se de uma evolução vocabular, porque se elimina a possibilidade de /l/ iniciar uma sílaba depois de uma vogal: muda-se o encontro sílabico no interior do vocábulo. O resultado é um hiato, que não se confunde com o hiato resultante da queda do /n/ intervocálico, porque neste último hiato a primeira vogal é nasal. Pode ter havido forma convergente pela queda do /d/ intervocálico, processado no segundo estado lingüístico. Por conseguinte, a língua aumenta o número de hiatos, alguns dos quais herdados do latim, outros produzidos pela síncope do /d/ intervocálico.

Exemplos.

paço do latim **palatium** é empréstimo do latim, vocábulo semierudito, como o comprova a presença de /t'/ intervocálico.

palatium	"paço"	.../pa'lat'o/	— /pa'at'o/...
candelam	"candeia"	.../kan'dela/	— /kan'dea/...

salire	"sair"	.../sa'liR/	— /sa'iR/...
calentem	"quente"	.../ca'lentE/	— /ka'entE/...
telam	"teia"	.../'tela/	— /'tea/...
colorem	"côr"	.../kO'loR/	— /kO'oR/ . . .
dolorem	"dor"	.../dO'loR/	— /dO'oR/...
malum	"mau"	.../'malo/	— /'mao/...
mala	"má"	.../'mala/	— /'maa/...

22.6. Restrição ao /R/ intervocálico.

Tôdas as consoantes apicais intervocálicas tinham sofrido evolução: as sonoras, que eram fracas, /d/, /l/ e /n/ haviam sofrido síncope; as surdas, que eram fortes, enfraqueceram também tornando-se sonoras, /t"/, /t/, /s/. Contudo havia um que era sonoro e forte /R/, a vibrante. Também se enfraqueceu no ambiente intervocálico e estendeu o âmbito de sua evolução: entre vogais e entre um semivocóide e uma vogal. No seu enfraquecimento /R/ foi substituído pelo flap (r). A diretriz da evolução é a mesma: muda-se o encontro silábico e já não mais se encontra /R/ no início interno de sílaba, a não ser quando geminado. Esta evolução vocabular traz consigo uma evolução fônica: surge um **nôvo** alofone na língua, o (r) pela transfonia da vibrante em flap.

Exemplos.

ceram	"cera"	...('t"eRa)	— ('t"era)...
coronam	"coroa"	...(ko'Róa)	— (ko'róa)...
arare	"arar"	...(a'RaR)	— (a'raR)...
primarium	"primeiro"	...(pRi'meyRo)	— (pRi'meyro)...
aurum	"ouro"	...('awro)	— ('awro)...
arenam	"areia"	...(a'Réa)	— (a'réa)...

22.7. Restrição ao hiato.

No galego-português surgiram inúmeros hiatos pela síncope de /l/ e /n/ intervocálicos. Com a existência de 12 vogais, 7 orais e 5 nasais, os hiatos eram uma carga desnecessária. A língua reagiu eliminando numerosos hiatos. A luta contra os hiatos não traz novos alofones, nem fonemas, nem sequer novos tipos de sílaba: trata-se de evolução vocabular, porque se modifica o encontro de sílabas no interior do vocábulo. Os hiatos foram eliminados por epêntese, oclusão e crase nos seguintes casos (nos demais se conservaram).

Epêntese:

Ocorre a epêntese de um /y/ entre um /e/ de sílaba forte seguido de /a/ ou /o/ de sílaba final:

/'ea/ — /'eya/; /'eo/ — /'eyo/.

Esta evolução é posterior à desnasalização das vogais nasais que tinham permanecido em hiato (23.10), de sorte que /'éa/ ou /'éo/ dos vocábulos paroxítonos entram na mesma corrente. [1]

Ocorre ainda a epêntese de /ñ/ entre /í/ seguido de /a/ ou /o/. "a modificação para **ei** não ocorreu até o início do século XVI". (Williams, 1961, 48).

Exemplos.

foedum	"feio"	.../'feo/	— /'feyo/...	
telam	"teia"	.../'tea/	— /'teya/...	
credo	"creio"	.../'kReo/	— /'kReyo/...	
uenam	"veia"	.../'véa/	— /'vea/	— /'veya/...
sinum	"seio"	.../'séo/	— /'séo/	— /'seyo/...

diuinare	"adivinhar"	.../adivi'aR/	— /adivi'ñaR/...
gallinam	"galinha"	.../ga'lia/	— /ga'liña/...
molinum	"moinho"	.../mo'io/	— /mo'iño/...
reginam	"rainha"	.../Re'ia/	— /Re'iña/...
uinum	"vinho"	.../'vio/	— /'viño/.

Oclusão:

Ocorre a oclusão da segunda vogal, fraca, para semivogal correspondente, quando a) /E/ estiver seguido de vogal posterior;

b) a 1.ª vogal fôr posterior e a segunda anterior;

c) a 2.ª vogal fôr de menor abrimento que a primeira.

/Eo/ — /Ew/, evolução posterior a /Ew/ — /ew/ (v. (23.8.)
/oe/ — /oy/;
/Oe/ — /Oy/;
/ue/ — /uy/;
/ae/ — /ay/;
/Ee/ — /Ey/;
/áo/ — /áw/;
/ao/ — /aw/; posterior à evolução /aw/ — /ow/ (v. 23.8.); etc.

Exemplos.

crudeles	"cruéis"	.../kRu'Ees/	— /kRu'Eys/
caelum	"céu"	.../'t'Eo/	— /'t'Ew/...
soles	"sóis"	.../'sOes/	— /'sOys/.
bouem	"boi"	.../'boE/	— /'boy/.
latrones	"ladrões"	.../la'dRóes/	— /la'dRóys/.

---

(1) A mesma evolução, e no mesmo ambiente, ocorreu no português, quando a primeira vogal é /o/; contudo a ortografia registra a 1.ª evolução, mas não a segunda: /'tea/ — /'teya/ **teia**; mas /'boa/ — /'bowa/ **boa**. Não há oposição entre /'ea/: /'eya/ nem entre /oa/: /'owa/.

paludes	"pauis"	.../pa'ues/	— /pa'uys/.
gradum	"grau"	.../'gRao/	— /'gRaw/.
uadit	"vai"	.../'vae/	— /'vay/.
malum	"mau"	/'mao/	— /'maw/.
romanum	"romão"	.../Ro'máo/	— /Ro'maw/.
granum	"grão"	.../'gRáo/	— /'gRáw/.
canes	"cães"	.../'káes/	— /'káys/.
panes	"pães"	.../'páes/	— /'páys/.
sede	"sê"	.../'see/	— /'sey/..., arc.

Crase:

O hiato de duas vogais iguais em abrimento bucal e posição da língua elimina uma das vogais (crase). A crase é precedida de assimilação nos casos seguintes:

a) Vogal de sílaba fraca assimila a vogal oral mais fechada de sílaba intensiva parcialmente, se a diferença fôr de dois graus. É evolução mais antiga do que o caso **b)**.

Exemplos:

sagittam	"seta"	.../sa'eta/	— /sa'Eta/...
maiorem	"mor"	.../ma'oR/	— /ma'OR/...
molam	"mó"	.../'moa/	— /'mOa/...
solam	"só"	.../'soa/	— /'sOa/...

Esta assimilação não atingiu os casos de epêntese (22.7.), como **teia** de /'tea/ — /'teya; nem as vogais nasais, cuja tendência era de oclusão como **boa** de /'bóa/.

b) Vogal de sílaba intensiva assimila totalmente a vogal de sílaba fraca de hiato, se fôr mais aberta de um ou dois graus;

I. de um grau, se ambas as vogais forem orais;

II. de um ou dois graus, se uma das vogais fôr nasal; neste caso a vogal intensiva recebe a nasalidade da vogal de sílaba fraca, desde que esteja seguida de outra vogal ou de consoante apical oclusiva ou africada.

"Um exame do ritmo dos versos primitivos revela que ela ocorreu mais cedo entre duas vogais átonas do que entre duas vogais uma das quais fôsse tônica..." (Williams, 1961, 104).

Exemplos.

sagittam	"seta"	.../sa'Eta/	— /sE'Eta/	— /'sEta/.
maiorem	"mor"	.../ma'OR/	— /mO'OR/	— /'mOR/.
molam	"mó"	.../'mOa/	— /'mOO/	— /'mO/.
solam	"só"	.../'sOa/	— /'sOO/	— /'sO/.

colorem	"côr"	/kO'oR/	— ko'oR/	— /'koR/.
pelagum	"pego"	(empr.) /'pEago/	— /'pEEgo/	— /'pEgo/.
credit	"crê"	.../'kReE/	— /'ḳRee/	— /'kRe/.
dolorem	"dor"	.../dO'oR/	— /do'oR/	— /'doR/.
crudum	"cru"	.../'kRuo/	— /'ḳRuu/	— /'kRu/.
creditum	"crido"	.../kRe'ido/	— /kRe'ido/	— /'kRido/.
uidere	"ver"	.../ve'eR/	— /'veR/.	
pedem	"pé"	.../'pEE/	— /'pE/.	
malam	"má"	.../'maa/	— /'ma/.	
ciuiles	"civis"	(empr.) /tˢi'vies/	— /tˢi'viis/	— /tˢi'vis/...
anellum	"elo"	.../ê'Elo/	— /E'Elo/	— /'Elo/.
uenire	"vir"	.../vé'IR/	— /vi'iR/	— /'viR/.
fenestram	"fresta"	.../fÉEstRa/	— /fE'EstRa/	— /'fEstRa/...
tenebras	"trevas"	.../tÉ'EvRas/	— /tE'Evras/	— /'tEvRas/...
fines	"fins"	.../'fíes/	— /'fiis/	— /'fís/.
unum	"um"	.../'úo/	— /'úú/	— /'ú/.
bonum	"bom"	.../'bóo/	— /'bóó/	— /'bó/.
tenes	"tens"	.../'tées/	— /'téés/	— /'tés/.
lanam	"lã"	.../'láa/	— /'láá/	— /'lá/.
ueniebam	"vinha"	.../vé'ia/	— /víía/	— /'via/...
litaniam	"ladainha"	.../lidá'ia/	— /lida'ia/...	
uenites	"vindes"	.../vé'ides/	— /vi'ides/	— /'vides/.
tenetis	"tendes"	.../tÉ'edes/	— /té'édes/	— /'tédes/.
* cinitia	"cinza"	.../tˢé'idˢa/	— /tˢí'ídˢa/	— /'tˢídˢa/...

obs.: a) A assimilação deve ter sido anterior à epêntese de /ñ/ (22.7.) e à oclusão das vogais nasais (23.10)

b) A oclusão deve ter sido posterior à restrição das vogais em sílaba fraca (23.9.); assim o comprovam os exemplos seguintes:

mouete	"movei"	.../mo'vede/	— /mo'vee/	— /mo'vey/.
mouetis	"moveis"	.../mo'vedes/	— /mo'vees/	— /mo'veys/.

b) A luta contra o hiato foi vitoriosa, quando a vogal fraca era mais aberta de um ou dois graus (assimilação e crase); quando a vogal fraca era mais fechada (consonantização); quando a vogal intensiva era /e/ seguido de /a/ ou /o/ onde epêntese predominou sobre a crase; quando /í/ era seguido de vogal fraca de três graus, o /a/, ou quando seguido de /o/ (epêntese). Nos demais casos os hiatos se conservaram.

Exemplos.

salutem	"saúde"	.../sa'ude/.
salire	"sair"	.../sa'iR/.
leonem	"leão"	.../lE'ó/...
tuam	"tua"	.../'tua/.
diem	"dia"	.../'dia/.

bonam	"boa"	.../'bóa/...
lunam	"lua"	.../'lúa/...
uenatum	"veado"	.../vé'ado/...
genuculum	"joelho"	.../jé'oLo/...

c) Quando ambas as vogais estavam em sílaba fraca, a evolução é similar. A assimilação e a crase são freqüentes; ocorre também a síncope, pura e simples, de uma vogal.

Exemplos:

* sanatiuum	"sadio"	.../sáa'dio/	— /saa'dio/	— /sa'dio/.
homines	"homens"	.../'omées/	— /o'méés/	— /'omés/.
ordines	"ordens"	.../'ORdéés/	— /'ORdéés/	— /'ORdés/.
uanitatem	"vaidade"	.../váe'dade/	— /vae'dade/	— /vaydade/.
coloratum	"corado"	.../koo'rado/	— /ko'rado/.	
* monisterium	"mosteiro"	.../móes'teyro/	/móes'teyro/	— /mos'teyro/.
angelum (empr.)	"anjo"	.../'ádjeo/	— /'ádjo/...	
monimentum (arc.)	"moimento"	.../móe'méto/	— /moe'méto/	— /moy'méto/...

obs. Quando o hiato ocorre em sílaba posterior à intensiva, a primeira vogal, sendo anterior, passa freqüentemente a (y) e o (y) passa para a sílaba intensiva. "Em português, popular e dialetal, êsse iode é por vêzes atraído pela vogal precedente independentemente da natureza da consoante precedente... "(Williams, 1961, 93; cf. também a pág. 92.)

Exemplos: comedo — coimo "como"; limpidum — limpo; turbidum — turvo.

23. Evolução silábica.

23.1. A simplificação das últimas geminadas.

Quando as três consoantes apicais, a nasal, /n/ e a vibrante /R/ desapareceram em início interno de sílaba (É de se notar que nem /n/, /l/ ou vibrante geminada ocorriam depois de semivocóide, apenas depois de vogal), abriram caminho para as suas geminadas. Não mais existia oposição entre: VIV e VIIV; ou VnV e VnnV; VRV ou VRRV. Houve a queda dos alofones implosivos das geminadas, sem qualquer confusão vocabular e com maior economia para a língua. O primeiro tipo de encontro silábico não existia mais e o segundo tipo pôde ocupar a posição do primeiro, que tinha ficado vago, pelas evoluções descritas em (22.3; 22.5; 22.6). A única consoante geminada que ainda existia era /mm/ e seguiu o caminho de todas as outras geminadas: o desaparecimento do primeiro membro. Mais uma vez se verifica que os fonemas tendem a ter o mesmo comportamento, independentemente de conflito homonímico.

Exemplos.

castellum	"castelo"	.../kas'tEllo/	— /kas'tElo/.
caballum	"cabelo"	.../ka'vallo/	— /ka'valo/.
capillum	"pena"	.../ka'bello/	— /ka'belo/.
caepullam	"serra"	.../tʷE'bolla/	— /tʷE'bola/...
annum	"cebola"	.../an'no/	— /'ano/...
pennam	"ano"	.../'pEnna/	— /'pEna/...
serram	"correr"	.../'sERRa/	— /'sERa/...
currere	"cavalo"	.../koR'ReR/	— /ko'ReR/...
uerrere	"varrer"	.../veR'ReR/	— /ve'ReR/...
flammam	"chama"	.../'tˣamma/	— /'tˣama/...
summam	"soma"	.../'somma/	— /'soma/.

Quando **"ll"** e **"nn"** estão representados, respectivamente, por **"lh"** e **"nh"**, trata-se de empréstimos do espanhol. (Williams, 1961, 85 e 86).

23.2. O alofone (x) aumenta o seu domínio.

O fonema /s/ tinha dois alofones: (x) entre um (y) e uma vogal; (s) nos demais ambientes. Passa agora a ter mais um ambiente em prejuízo do (s): entre uma vogal e (y). É de se notar que (x) ainda não está em oposição ao (tˣ). (cp. 20.2.)

Exemplos.

* crassiam	"graxa"	...('gRasya)	— ('gRaxya)...
passionem	"paixão"	...(pa'syon)	— (pa'xyon)...
russeum	"roxo"	...('Rosyo)	— ('Roxyo)...

23.3. Restrição à semiconsoante (y).

No tipo silábico CCV, em que a segunda consoante era /y/, muitos grupos consonantais já haviam sido eliminados (20.3); neste período, o grupo é eliminado ou por metátese ou por síncope. Ocorre a metátese do /y/ para a sílaba precedente como semivogal, quando precede vogal baixa ou posterior em sílaba aberta. Síncope, nos demais ambientes.

Exemplos.

mancipium	"mancebo"	.../man't'ebyo/	— /man't'ebo/...
rabiem	"raiva"	.../'Ravya/	— /'Rayva/.
rubeum	"ruivo"	.../'Rovyo/	— /'Royvo/...
guuiam	"goiva"	.../'govya/	— /'goyva/
pluuiam	"chuva"	.../'tˣovya/	— /'tˣoyva/...
capiam	"caiba"	.../'kabya/	— /'kayba/.
sapiam	"saiba"	.../'sabya/	— /'sayba/.
passionem	"paixão"	...(pa'xyon)	— (payxon)...

russeum	"roxo"	...('Roxyo)	— ('Royxo)...
* crassiam	"graxa"	...('gRaxya)	— ('gRayxa)...
* gauiottam	"gaivota"	.../ga'vyOta/	— /gay'vOta/.

23.4. Restrição à semiconsoante (w).

No tipo silábico CCV, em que a segunda consoante era /w/ a primeira podia ser /n/. Neste ambiente o /w/ foi eliminado e desapareceu o grupo consonantal em que a segunda consoante era um /w/.

Exemplos.

ianuellam	"janela"	.../dJa'nwEla/	— /dJa'nEla/...
ianuarium	"janeiro"	...(dJa'nweiro)	— (dJa'neyro)...

23.5. Restrição às consoantes finais.

Pela apócope das vogais anteriores (23.1), encontravam-se em fim de vocábulo também consoantes apicais, fricativas e africadas; ambas sonoras. Não ocorriam como final de sílaba no interior de vocábulo. Foram substituídas pelas surdas correspondentes: /z/ por /s/ e /dˢ/ por /tˢ/. O último só ocorria como final de sílaba, quando também era final de vocábulo.

O ensurdecimento para /tˢ/ era possível, porque não havia oposição entre /dˢ/ e /tˢ/ em final de vocábulo. No caso do ensurdecimento de /z/ para /s/, é preciso levar em conta que o final /sE/ não sofreu apócope. Agora, surgiram sobretudo vocábulos monossílabos intensivos pela apócope de vogal anterior depois de /z/.

Exemplos.

aurificem	"ourives"	.../aw'rivedˢ/	— /aw'rivetˢ/...
lucem	"luz"	.../ludˢ/	— /'lutˢ/...
pacem	"paz"	.../'padˢ/	— /'patˢ/...
dicit	"diz"	.../'didˢ/	— /'ditˢ/...
mensem	"mês"	.../'mez/	— /'mes/.
posui	"pus"	.../'puz/	— /'pus/.
posuit	"pôs"	.../'poz/	— /'pos/.

23.6. Restrição às consoantes nasais, implosivas.

O número das consoantes que podem ser implosivas era pequeno; reduziu-se ainda mais pelo desaparecimento das nasais nesta posição. O caminho que a língua encontrou, foi a nasalização da vogal precedente. Vogais nasais já existiam como primeira vogal de um hiato. Não entravam em conflito vocábulos que recebessem

uma vogal nasal diante de consoante nasal ou em fim de vocábulo. Estas vogais nasais formavam redundância.

Vocábulos que tinham a seqüência /nL/ já haviam sofrido outra evolução: /nL/ — /ñL/. — /ñ/. Exemplos: /singulos/ — /'senglos/ — /'sengLos/ — /'senLos/ — /'señLos/ — /'seños/... **senhos,** arc. Assim **ungulam** veio para **unha.**

Exemplos.

rumpere	"romper"	...(Rom'peR)	— (Róm'peR)
lumbum	"lombo"	...('lombo)	— ('lómbo)...
cantat	"canta"	...('kanta)	— ('kanta)...
grandem	"grande"	...('gRandE)	— ('gRándE)...
mancum	"manco"	...('manko)	— ('mánko)...
linguam	"lenga"	...('lénga)	— ('lénga)...
longe	"longe"	...('lond'e)	— ('lónd'e)...
rancorem	"rancor"	...('RankoR)	— (Rán'koR)...
anguilam	"enguia"	...(an'gia)	— (án'gia)...
in	"em"	...(en)	— (én)...
cum	"com"	...(kom)	— (kóm)...
panem	"pão"	...('pan)	— ('pán)
canem	"cão"	...('kan)	— ('kán)...
tenet	"tem"	...('tEn)	— ('tÉn)...
latronem	"ladrão"	...(la'dRon)	— (la'dRón)...
leonem	"leão"	...(lE'on)	— (lE'ón)...
lectionem	"lição"	...(ley't°on)	— (ley't°ón)...

O comportamento da consoante implosiva em vocábulos do tipo **rancor, enguia, manco, lenga, longe, unha** e **senhos"** (arc.) (do latim **rancorem, anguilam, mancum, linguam, longe, ungulam** e **singulos)** e o seu comportamento em vocábulos do tipo **lenha, senha, tamanho, punho, cunhado, punhar** ("lutar", arc) (do latim **ligna, signa, tammagnum, pugnare)** provam a veracidade da nossa afirmação (Back, 1968, 137 e ss): O fone (N) do latim era alofone de /n/ diante de consoantes dorsais, oclusivas, e era alofone do /g/ diante de /n/, no latim clássico. Um fone pertencia a dois fonemas. Pois, na evolução do português, (N) alofone do /g/ comportou-se como o /g/: vocalizou-se para (y) (12.2.) e (N) como alofone de /n/ voltara a /n/ no latim vulgar e assim acompanhou a evolução das nasais implosivas. Quem for de opinião que (N) continuou no latim vulgar e nas línguas sucessoras, deve admitir o (N) como alofone de /ñ/, quando surge êste fonema: em todo caso, também esta consoante nasal, nasalizou a vogal precedente. Portanto, não se deve estabelecer no latim o fonema /N/, como o fazem outros autores (por ex. Hill, 1958, 441).

Após a nasalização da vogal precedente, a consoante nasal pôde

ser eliminada como fone implosivo, porque a queda de /n/ intervocálico deixa uma vogal nasal diante de outra vogal e a queda de consoante nasal, implosiva deixa uma vogal nasal diante de outra consoante ou em fim de vocábulo.

Exemplos.

rumpere	"romper"	...(Róm'peR)	— (Ró'peR)...
lumbum	"lombo"	...('lómbo)	— ('lóbo)...
cantat	"canta"	...('kánta)	— ('káta)...
grandem	"grande"	...('gRándE)	— ('gRádE)...
mancum	"manco"	...('mánko)	— ('máko)
linguam	"lenga"	...('lénga)	— ('léga)...
longe	"longe"	...('lóndJe)	— ('lódJe)...
rancorem	"rancor"	...(RánkoR)	— ('RákoR)...
anguilam	"enguia"	...(án'gia)	— ('á'gia)...
in	"em"	...(én)	— (é)...
cum	"com"	...(kóm)	— (kó)...
panem	"pão"	...(pán)	— ('pá)...
canem	"cão"	...('kán)	— ('ká)...
tenet	"tem"	...('tÉn)	— ('tÉ)...
latronem	"ladrão"	...(la'dRón)	— (la'dRó)...
leonem	"leão"	...(lE'ón)	— (lE'ó)...
lectionem	"lição"	...(ley't"ón)	— (lei't"ó)...

23.7. Restrição às semivogais.

O ditongo /Ow/ passou a /ow/ e então foi eliminada a semivogal: resultado /o/. Esta evolução é anterior à apócope das vogais (22.1).

O ditongo /oy/ passou a /uy/ e então a semivogal foi eliminada; não importa se o ditongo /uy/ é originário de um /u:/ ou não.

Em ambos os ditongos, a semivogal só foi eliminada, depois que se fêz uma restrição à vogal precedente: /O/ para /o/; /o/ para /u/. O /y/ também foi eliminado depois de um /i/.

Entretanto, há vocábulos em que o ditongo /oy/, outros em que o /uy/ resiste à evolução. Estas divergências são perfeitamente possíveis, porque não se trata de evolução fonêmica, mas de evolução silábica. É preciso estudar ainda a evolução vocabular e a silábica, para descobrir as razões do tratamento diferente. Vocábulos que conservam o ditongo, parecem populares e arcaicas, como **escuitar** e **luita.** E a síncope do /y/ se estendeu a outros ditongos em alguns vocábulos.

Exemplos.

posuit	"pôs"	.../'pOwze/	— /'powze/	— /'poze/...
posui	"pus" [1]	.../'pOwzi/	— /'powzi/	— /'pozi/...
potuit	"pôde"	.../'powde/	— /'powde/	— /'pode/.
potui	"pude"	.../'pOwdi/	— /'powdi/	— /'podi/...
fructum	"fruto"	.../'fRuyto/	— /'fRuto/.	
luctum	"luto"	.../'luyto/	— /'luto/.	
luctam	"luta"	.../'loyta/	— /'luyta/	— /'luta/.
tructam	"truta"	.../'tRoyta/	— /'tRuyta/	— /'tRuta/.
ausculto	"escuto"	.../as'koyto/	— /as'kuyto/	— /as'kuto/...
pluuiam	"chuva"	.../'t^{x}oyva/	— /'t^{x}uyva/	— /'t^{x}uva/...
rubeum	"ruivo"	.../'Royvo/	— /'Ruyvo/.	
guuiam	"goiva"	.../'goyva/.		
tonsoriam	"tesoura"	...(te'zoyra)...		
salem muriam	"salmoura"	...(sal'moyra)...		
dictum	"dito"	.../'diyto/	— /'dito/.	
russeum	"roxo"	...('Royxo)	— ('Roxo)...	
coxam	"coxa"	...('koyxa)	— ('koxa)...	
passionem	"paixão"	...(pay'xó)	— (pa'xó)... arc.	
* crassiam	"graxa"	...('gRayxa)	— ('gRaxa)...	
* ceresiam	"cereja"	...(t^{s}e'reyja)	— (t^{s}e'reja)... [2]	

A evolução do ditongo /ey/ é confusa, embora Williams afirme que se conservou, quando pretônico e seguido de **r** (1961, 55: 3 e 4). Compare-se: prensionem — prijom; serviamus — sirvamos; laesione — lijom; uindemiare — vindimar; feriamus — feiramos, feriari — feirar; tineola — tinhó; lectura — leitura; miscere — meixer — mexer; lectione — lição; exemptu — eisento — isento; exitum — eixido — ixido; inimicum — eimigo — imigo, etc.

---

(1) O aparecimento de /u/ em **pus** não se deve a uma evolução do ditongo /Ow/ para /ow/ para /uw/ para /u/; mas à metafonia do /i/ final sôbre a vogal intensiva como em **feci** — **fiz**. Assim também em **potui** — **pude**.

(2) O Dicionário de Machado registra "ruvho" com o significado de "ruivo" no séc. XIV; neste caso o /u/ se explica por metafonia. Assim pode ter sido também nos vocábulos **sepia** — **siba**; **uindemia** — **vindima**. Ou seria evolução do ditongo /ey/ para /iy/ para /i/, como em **leição** — **lição**? Quando o ditongo /ey/ passa para /i/ e quando se conserva? É necessário pesquisar. "...froito, porém não passou da fase arcaica; no séc. XIII (1272): in primo die de Janeiro pelos froitos que en esses herdamentos ouuer', no Livro dos Bens de D. João de Portel, doc. n.º 87, p. 71 da separata; cf. também P.M.H., Inquisitiones, pp. 316, 324". (Dic. Etimológico de J.P. Machado, p. 1037).

O vocábulo correspondente a **truta** tinha em grego /o/ longo, mas Williams registra em latim **tructa** com /u/ breve (Williams, 1961, 51 e 95). **Provàvelmente**, os vocábulos **doce** e **ensosso** do latim **dulcem**, **insulsum** se explicam pela sincope do (y): /'dulcE/ — /'dolt^{s}E/ — /'doyt^{s}E/ — /'dot^{s}E/...; mas **multum** /'multu/ — /'moyto/ — /muyto/.

23.8. Restrição às vogais.

Houve restrição de algumas vogais em ditongos:

/Oy/ — /oy/;
/Ew/ — /ew/;
/aw/ — /ow/.

A evolução do ditongo /Oy/ para /oy/ é posterior à evolução do ditongo /oy/ para /u/ (23.7), de sorte que não entrou na corrente /oy/ — /uy/ — /u/.

O ditongo /Ew/ passou a /ew/, quando a língua já possuia êste ditongo; mas não se criou nenhum conflito porque o ditongo /ew/ só ocorria em verbos e o ditongo /Ew/ não. "Essas palavras rimam nos primitivos cancioneiros entre si mas não com a terminação — **eu** da terceira pessoa do singular dos pretéritos fracos; é por conseguinte provável que o e não se tivesse ainda fechado pelo tempo". (Williams, 1961, 45).

O ditongo /aw/, quando passou a /ow/, aparentemente não criou nenhum conflito, porque /ow/ existia em pouquíssimos vocábulos, oriundo do hiato /oo/, como **dous** "dois" e **sou** "seu", arc. (17.6.). Na evolução de **vou** (/wado/ — /'vado/ — /'vao/ — /'vaw/ — /'vow/), como também em **dou, estou** trata-se de evolução mórfica; não se trata de evolução nem fonêmica, nem silábica, nem vocabular, mas especìficamente da evolução da flexão verbal, que é outro campo que merece pesquisa.

Os primeiros exemplos do ditongo /w/ são do X século (Williams, 1961, 43), (Vasconcelos). [1]

A evolução dêstes ditongos é anterior à ditongação dos hiatos (5.3.7), em que pela oclusão surgiram novos ditongos, como /aw/, /Ew/ e /Oy/, que portanto não entraram na corrente de evolução dos antigos ditongos correspondentes.

---

(1) "en los diplomas de Portugaliae Monumenta del siglo X y primera mitad del XI... o es creible que en la lengua hablada entonces en Portugal predominase de ese modo **aut**, pero tampoco cabe dudar que ese aut se usasse entonces'.. (p. 100)... "para los derivados de alt, alb, alc... que viven durante el siglo X con el mayor arraigo y durante el XI con bastante preponderancia formas con diptongo au..." (p. 105-6)... "Port. Mon. 198º Mouran, 1008; Port. Mon. Histo. Dipl. p. 159 — obturgare "outorgar" — 1025. (pág. 93.) Ultracorreção: "audie "hoje" 1061 Léon; illa Kauba "Cova" 945; illa Kauba 951, Sahg. 372º, 39º (top.)" (p. 93) Ditongo **au** — **ou, ow** (ob) no séc. XI em Portugal, Galiza e Leão ocidental. (p. 96.) **au** secundário: "uno kavalo color raudanu", 1067... "kavallo roudano" 1053 (S Rosa de Viterbo, Elucidário, I, 1865, p. 167)". (pág. 98) etc. etc. (Confira M. Pidal, 193), pág. 93 a 106).

Exemplos.

noctem	"noite"	.../'nOytE/	— /'noytE/...
octo	"oito"	.../'Oyto/	— /'oyto/.
meum	"meu"	.../'mEw/	— /'mew/.
deus	"deus"	.../'dEws/	— /'dews/.
ego	"eu"	.../'Ew/	— /'ew/.
amauit	"amou"	.../a'maw/	— /a'mow/.
saputi	"soube"	.../'sawbe/	—/'sowbe/.
alterum	"outro"	.../'awtRo/	— /'owtRo/.
falcem	"foice"	.../'fawt'E/	— /'fowt'E/
causam	"coisa"	.../'kawza/	— /'kowza/...
paucum	"pouco"	.../'pawko/	— /'powko/...
taurum	"touro"	...('tawro)	— ('towro)...

23.9. Restrição às vogais orais em silaba fraca.

As vogais latinas, longas e breves, se distribuíam por tôdas as sílabas, quer tônicas, quer átonas. A distribuição das vogais portuguêsas é muito mais restrita, por ação do acento intensivo. As vogais em sílaba fraca, foram reduzidas de 7 a 5: desapareceu a oposição entre as médias: /E/ foi substituído nestes ambientes por /e/ e /O/ por /o/.

Em sílabas intensivas ocorrem as 7 vogais orais: /i: e: E: a: O: o: u/ em sílabas fracas, apenas 5: /i: e: a: o: u/.

Em sílabas fracas, finais de vocábulo, (ou livres ou travadas por /s/, ainda desapareceu a oposição entre as duas anteriores /i: e/ e entre as duas posteriores /u: o/. Em sílabas fracas finais, só restam três vogais /e: a: o/. O fonema /e/, neste ambiente é realizado por (I), em algumas regiões um tanto mais próximo ao /i/, contudo sem ser igual fonèticamente ao /i/; em outras regiões do Brasil, um tanto mais próximo ao /e/, sem se lhe igualar foneticamente. Análogo comportamento tem o fonema /o/, neste ambiente: o alofone (U), com as mesmas variações dialetais. Os habitantes das duas regiões exageram a pronúncia dos outros: uns acusam os outros de pronunciar [i] e [u] respectivamente; êstes acusam os primeiros de pronunciar [e] e [o].

Razões de sintaxe vocabular e de construção vocabular obrigam a aceitar a interpretação de (I) como alofone de /e/, neste ambiente, e de (U) como alofone de /o/. Na sintaxe vocabular, o morfema de aspecto imperfeito, próximo no modo subjuntivo (presente do subjuntivo) da 1.ª conjugação é nitidamente /e/, como o comprovam as formas **falemos** e **faleis**, pois em sílaba intensiva poderia ser também /i/; quando o morfema cai em sílaba fraca permanece o mesmo morfema /e/, embora o fonema /e/ seja realizado pelo alofone (I).

Na construção vocabular, fica muito mais fácil dizer que serão oxítonos os vocábulos que têm o fonema /i/ ou /u/ na última sílaba, seguidos ou não de /s/: aqui, ali, funis, Iguaçu, Jesus.

A vogal /i/, final, oriundo do latim /i/, com a neutralização passou a /e/: "não se completou até o início do século XIV (Grund, I, 1953). (Williams, 1961, 61.)

Segundo Behr (apud Williams, 1961, 61) a fonia de (U) como alofone de /o/ em sílaba fraca, final, ocorreu no século XII e foi responsável pela metafonia, antes que houvesse a fonia de (U) em sílaba, fraca, final seguida de /s/ (Williams, 1961, 126). Por esta razão temos o singular **jogo,** mas plural **jogos** e outros vocábulos deste tipo, em que a raiz do singular apresenta /o/ e a do plural /O/.

Exemplos.

ferrarium	"ferreiro"	...(fE'Reyro)	— (fe'Reyro)...
operarium	"obreiro"	...(O'bReiro)	— (o'bReiro)...
lac	"leite"	.../'leytE/	— /'leyte/.
peccatum	"pecado"	.../pE'kado/	— /pe'kado/.
offendo	"ofendo"	...(O'fédo)	— (o'fédo)...
personam	"pessoa"	...(pE'sóa)	— (pe'soa)...
ipse	"esse"	.../'esE/	— /'ese/.

Compare-se a diferença entre **obreiro** e **obra** /'ObRa/; entre **ferreiro** e **ferro /'fERo/**. O que possibilitou a neutralização em sílaba fraca final, foi a ausência de oposição entre /o/, /u/ e /O/: é que as duas últimas vogais não ocorriam; nas vogais anteriores podia ocorrer /i/ ao lado de /E/ e de /e/. Parece-nos que /i/ ocorria apenas em **viginti — vinte** = **/'vite/** e na 1.ª pessoa do perfeito latino; nestas últimas formas o /i/ foi substituído por /y/: **amaui — amai — amei /a'mey/;** ou caiu por apócope: **feci — fiz;** ou, em alguns verbos irregulares, foi atingido pela neutralização: **potui — pude.** O /e/ ocorria como terceira pessoa do singular em verbos. Assim os três fonemas se distribuiam por tipos diferentes de vocábulos e não houve confusão, ainda mais que na 1.ª pessoa ocorreu metafonia, que a distingue da 3.ª: assim **pude — pôde, fiz — fêz.**

23.10. Restrição às vogais nasais.

Também as vogais nasais sofreram restrição, mas de outro tipo: as vogais nasais mais abertas, /É/, /á/ e /Ó/ foram substitu,-das pelas vogais médias fechadas, correspondentes. Assim /E/ foi substituído por /é/ e /O/ por /o/; enquanto essas duas vogais se confundiram com duas outras já existentes, a vogal /á/ sofreu transfonia: passou a realizar-se por uma vogal, nasal, central, média, fe-

chada ($é_2$). Manteremos por analogia a vogal oral /a/, a letra /á/ com alofone ($é_2$).

A restrição às vogais médias abertas foi tão forte que até as vogais orais /E/ e /O/ foram substituídas por (e) e (o) diante de uma consoante nasal.

A restrição às vogais nasais se fez sentir ainda em outro ambiente: todas as vogais nasais que permaneciam em hiato, foram substituídas pelas orais correspondentes.

As vogais nasais se mantiveram, quando o hiato fora desfeito por crase, oclusão ou epêntese de /ñ/. Quando o hiato se mantinha, ocorreu a desnasalização da vogal. É de se notar que a epêntese de /y/, para desfazer o hiato, (22.7), foi posterior à desnasalização.

Exemplos.

teneo	"tenho"	.../'tÉño/	— /'teño/.	
sonat	"soa"	.../'sÓa/	— /'soa/.	
lanam	"lã"	...('lá)	— ('$lé_2$)	= /'lá/.
cantat	"canta"	...('káta)	— ('$ké_2$ta)	= /'káta/.
tenet	"tem"	.../'tÉ/	— /'té/.	
computo	"conto"	.../'kÓto/	— /'kóto/.	
comedit	"come"	.../'kOme/	— /'kome/.	
gemmam	"gema"	.../'d^1Ema/	— /'d^1ema/...	
lunam	"lua"	.../'lúa/	— /'lua/.	
bonam	"boa"	.../'bóa/	— /'boa/.	
uenatum	"veado"	.../vé'ado/	— /ve'ado/	
arenam	"areia"	.../'á'réa/	— /a'rea/...	
sinum	"seio"	.../'séo/	— /'seo/...	

obs. Antes da crase de /áa/ e /óo/ finais (ou seguidos de /s/), o hiato /áo/ evoluiu para /áw/ (22.7.) e as vogais nasais /á/ e /ó/ de sílaba final foram substituídos por /áw/. /ó/, talvez, tenha passado pela forma intermediária /á/. Esta evolução se deve à pressão dos hiatos /áa/ e /óo/, recpectivamente, que vieram a ocupar o lugar de /á/ e de /ó/. Houve confluência fonêmica, portanto, de /áo/, /á/ e /ó/, em sílaba final, para /áw/. Surgiram homônimos de classes diferentes de vocábulos.

Exemplos.

granum	"grão"	.../'gRáo/	— /'gRáw/.	
sanum	"são"	.../'sáo/	— /'sáw/.	
sunt	"são"	.../'só/	— /'sá/	— /'sáw/.
leone	"leão"	.../leó/	— /le'á/	— /le'áw/.
rationem	"razão"	...../Ra'd^só/	— /Ra'd^sá/	— /Ra'd^sáw/...
panem	"pão"	.../'pá/	— /'páw/.	

canem	"cão"	.../'ká/	— /'káw/.
sanctum	"são"	.../'sá/	— /'sáw/.
grandem	"grão"	.../'gRá/	— /'gRáw/.

Mas: lanam — /'láa/ — /'lá/; donum — /'dóo/ — /dó/ = **lã** e **dom.**

24. Evoluções fônicas.

A fonia do flap.

O enfraquecimento das consoantes intervocálicas trouxe a sonorização das consoantes surdas depois do desaparecimento das sonoras respectivas, que eram fracas. A pressão da geminada /RR/ agiu sobre /R/ em início de sílaba, substituindo o /R/, que era forte, pelo /r/, fraco.

Assim, a fonia do flap é o resultado da luta contra as consoantes implosivas e se deu no meio de uma evolução silábica, já estudada em 22.6.

25.1. Evoluções fonêmicas.

A fonemia do flap.

Pela simplificação da geminada vibrante (23.1.), o flap e a vibrante entram em oposição em ambiente intervocálico. O flap, em conseqüência torna-se um fonema autônomo na língua: fonemia.

Exemplos.

primarium	"primeiro"	(pRi'meyRo)	= /pRi'meyRo/
		(pRi'meyro)	= /pRi'meyRo/
		(pRi'meyRo)	= /pRi'meyro/
ferreiro	"ferreiro"	(feR'ReyRo)	= /feR'ReyRo/
		(feR'Reyro)	= /feR'ReyRo/
		(fe'Reyro)	= /fe'Reyro/.

A existência de pares mínimos comprovam o flap e a vibrante como fonemas distintos:

/'karo/ "caro" do lat. **carum:** /'kaRo/ "carro" de **carrum.**

25.2. A fonemia de /x/.

Pela síncope de (y) diante de (x), este fone passa agora a estar entre vogais e forma oposição ao fonema /s/, que também se encontra entre vogais (23.3.) e (17.5). Surge o fonema /x/, se é que não surgiu antes por empréstimos árabes em início de vocábulos (Uma língua pode receber um fonema por empréstimo, quando já existe na língua como alofone ou quando os seus traços distintivos

já existem em outros fonemas.) A fonemia de /x/, com os traços distintivos de posterior, fricativo, surdo, causou a transfonemia de /s/, que adquiriu o traço distintivo de apical. Com esta aquisição, as consoantes fricativas completam a sua série de surdas nas três ordens: labial, apical e posterior.

O fonema /tˣ/ agora está em oposição ao fonema /x/, porque ambos ocorrem entre vogais (17.5. e 23.3.); mas a oposição era de fraco rendimento fonêmico: é relativamente pequeno o número de vocábulos que perderam o (y) diante de /x/ e é também reduzido o número de vocábulos que perderam uma consoante diante de /tˣ/.

Exemplos.

russeum	"roxo"	('Rosyo)	= /'Rosyo/
		('Roxyo)	= /'Rosyo/
		('Royxo)	= /'Royso/
		('Roxo)	= /'Roxo/.
miscere	"mexer"	(mey'xeR)	= /mey'seR/
		(me'xeR)	= /me'xeR/.
luxum	"luxo"	('luyxo)	= /'luyso/
		('luxo)	= /'luxo/.

25.3. A diafonemia das consoantes africadas.

O fone (dʲ) não se opunha ao fonema /ị/ em nenhum ambiente. /ị/ ocorria entre vogais e depois de /y/; o (dʲ) nos demais ambientes. Contudo, /ị/ é uma realização mais econômica do que a sua africada correspondente. A coerência do sistema manteve a africada, até o século XIII (Huber, 1933, 113), quando ocorreu a diafonia para /ị/.

Esta evolução destruiu o equilíbrio precário das consoantes africadas ao esvaziar, entre as sonoras a 3.ª casa do diagrama. O rendimento fonêmico era muito baixo entre /tx/ e /x/ (25.2.), de sorte que a africada posterior surda, em breve, acompanhou a evolução da sonora correspondente; a oposição entre as africadas e as fricativas se manteve estável até o fim do século XVI (Vasconcelos, 1955, 164-5; Williams, 1961, 75), quando as africadas todas sofreram diafonemia para as fricativas correspondentes. Surgiram homônimos como **cozer** e **coser; sexto** (erudito) e **cesto; cassar** e **caçar.**

A evolução se iniciou pelo (dʲ), que era alofone de /dᶻ/. Sem que houvesse conflito, (dʲ) pôde evoluir para (ị); /tˣ/ não resistiu à mesma tendência e se precipitou para /x/ (talvez não houvesse par mínimo entre /tˣ/ e /x/. O fato de as demais africadas percor-

rerem caminho idêntico, comprova o princípio fonêmico de que os fonemas tendem a ter o mesmo comportamento.

Não é possível sustentar que consoantes africadas jamais existiram, e afirmar que as chamadas africadas eram constituídas de uma consoante oclusiva seguida de uma fricativa. A existência dessas seqüências problemáticas como um único fonema africado se comprova:

I. O elemento fricativo não se combina com qualquer consoante oclusiva, mas unicamente com a oclusiva correspondente. Assim (t) com (s); (d) com (z).

II. Para os fricativos (j) e (x) não existiram consoantes oclusivas correspondentes (palatais).

III. Nem todos os elementos (oclusivos e fricativos) ocorrem isolados no mesmo ambiente.

Exemplos.

gelare	"gear"	(d^je'aR)	= /d^ze'aR/
		(je'aR)	= /je'aR/.
iocos	"jogos"	('d^jOgos)	= /'d^zOgos/
		('jOgos)	= /'jOgos/.
flammam	"chama"	('t^xama)	= /'t^xama/
		('xama)	= /'xama/.
masculum	"macho"	('mat^{x}o)	= /'mat^{x}o/
		('maxo)	= /'maxo/.
dicimus	"dizemos"	(di'd^zemos)	= /di'd^zemos/
		(di'zemos)	= /di'zemos/.
uaciuum	"vazio"	(va'd^zio)	= /va'd^zio/
		(va'zio)	= /va'zio/.
pacem	"paz"	('pad^{z}E)	= /'pad^{z}E/
		('pad^z)	= /'pad^z/
		('pat^s)	= /'pat^s/
		('pas)	= /'pas/.
fecit	"fêz"	('fed^{z}e)	= /'fed^{z}e/
		('fed^z)	= /'fed^z/
		('fet^s)	= /'fet^s/
		('fes)	= /'fes/.
cito	"cedo"	('t^sedo)	= /'t^sedo/
		('sedo)	= /'sedo/.
captiare	"caçar"	(ka't^{s}aRE)	= ka't^{s}aRE/
		(ka't^{s}aR)	= /ka't^{s}aR/
		(ka'saR)	= /ka'saR/.

A evolução de /t^x/ para/x/ "ocorreu por 1700 (Grund, I, 972, n.° 2)". (Williams, 1961, 75.)

26. Os fonemas consonantais do português.

As evoluções que se efetuaram no 4.° estado lingüístico, no galego-português, nos levam ao 5.° estado, à língua portuguesa. [1]

O diagramema das consoantes.

		LABIAIS	APICAIS	POSTERIORES
OCLUSIVAS	surdas	/p	t	k
	sonoras	b	d	g
FRICATIVAS	surdas	f	s	x
	sonoras	v	z	j
NASAIS		m	n	ñ
LATERAIS			l	L
VIBRANTE			R	
FLAP			r	
SEMIVOCÓIDES		w		y/

Enquanto o latim vulgar tinha um sistema de 14 consoantes, o português possui 21: as 14 do latim e mais 7 novas.

---

(1) "Pelo fim do século XVI, quase todas as características distintivas do português arcaico haviam desaparecido; a língua se tornara, no essencial, a mesma de hoje em dia". (Williams, 1961, 27.)

A PESQUISA LINGUÍSTICA

Miguel Wouk

I — A DIALETOLOGIA: IMPORTÂNCIA E INTERESSE

1. Os primeiros linguistas do séc. XIX negligenciaram o fato de que as línguas que comparavam era divididas em dialetos. Partiam das línguas nacionais, escritas, sem levar em conta que eram produtos artificiais até certo ponto, considerando a fala popular como uma corrupção da língua clássica.

A indiferença e o desprezo aos dialetos explica-se historicamente: a Idade Média e o Renascimento empenharam-se para que se constituísse uma língua nacional, que servisse a todos os fins. O interesse pela língua limitou-se a protegê-la e a elaborar regras, a fim de corrigir as imperfeições dos que falavam dialetos. Só muito mais tarde, em torno de 1870, é que perceberam a sua importância, pois neles encontraram formas, palavras e estádios fonéticos mais antigos, já desaparecidos na língua nacional, que confirmavam as linhas evolutivas formuladas por hipótese.

O estudo dos falares do povo familiarizou os linguistas com a sua cultura. Então, os dialetólogos passaram a trabalhar junto com os especialistas das tradições orais e com os que estudavam a cultura material do povo. Assim, as tradições orais tornaram-se equivalentes aos textos sobre que trabalhavam os filólogos.

2. Não se pode estudar uma língua, científica e utilmente, sem conhecer o meio em que ela é escrita ou falada. Isto vale sobretudo para o léxico. As palavras, sua significação e as mudanças de sentido devem ser compreendidas em sua ligação com os objetos e os conceitos de que são a imagem. As pesquisas mostram que a linguagem humana não se pode isolar do meio em que é utilizada.

3. Os agrupamentos humanos distinguem-se pelo grau de cultura que apresentam. Mesmo nos países de mais alta civilização, a sociedade apresenta diversos estratos, cujos indivíduos utilizam um veículo expressional comum, instrumento eficaz de comunicação e

forma ideal que se impõe a todos na vida diária. A língua popular reflete o grau de vitalidade de um povo, a exuberância e a riqueza de sua imaginação, o seu poder criador, o imenso caudal de sua sensibilidade, as manifestações espontâneas da alma da raça e os frutos da experiência acumulada por várias gerações. Nem tudo nela pode ser catalogado como simples erro, mas um estádio evolutivo da língua.

4. Os falares são o testemunho vivo da língua e têm para o linguista o mesmo valor que as plantas para um botanista, as pedras para o geólogo, os fósseis para o antropólogo. São documentos e arquivos para a história da linguagem humana e do tesouro espiritual dos povos, representado pelas tradições regionais, tão valiosos como qualquer outro documento histórico.

"A língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura. Em certo sentido, a trama dos padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. É uma ilusão pensar que possamos entender os lineamentos significativos de uma cultura pela pura observação e sem o auxílio do simbolismo linguístico, que torna esses lineamentos significativos e inteligíveis à sociedade. Dia virá em que os esforços para apreender uma cultura primitiva, sem a ajuda da língua que nessa sociedade se fala, hão de parecer tão diletânticos como os trabalhos de um historiador que é incapaz de manusear os documentos originais da civilização que está descrevendo. A linguagem é um guia para a realidade social. Embora, em regra, não se considere de essencial interesse para os estudiosos de ciência social, é ela que poderosamente condiciona todas as nossas elucubrações sobre os problemas e os processos sociais". (E. Sapir, Linguística como Ciência, pág. 19).

5. Há, portanto, não só a grande, mas a extrema necessidade de conhecermos o legado linguístico de nossos antepassados, de nos conhecermos a nós mesmos, porque a civilização vai-se expandindo por toda parte e absorvendo a cultura popular. A civilização urbana, universalista, cosmopolita, niveladora, vai tomando o lugar da cultura particularista, regional, isolada, fixa e cristalizada. A língua comum e oficial vai aos poucos substituindo a linguagem pré-letrada, espontânea e simples do povo.

6. A pesquisa tecnológica, nos vários campos científicos, é realmente muito importante nos dias de hoje para o progresso e o bem-estar da humanidade. Mas, é preciso que se dê mais atenção ao homem como indivíduo, membro de uma comunidade, nas suas ati-

vidades espirituais e culturais, de que a língua é a expressão mais fiel.

Tornou-se evidente o papel de guia que a Linguística, da qual a Dialetologia é parte importantíssima, desempenha em relação às outras ciências humanas. Não somente a Linguística é a primeira das disciplinas que têm como objeto o homem a ter elaborado uma metodologia rigorosa e a se ter constituído em ciência, mas, na convição dos antropólogos, é a linguagem o caráter mais próprio para definir o homem. A linguagem e a cultura implicam-se mutuamente, de modo que a Linguística acha-se estreitamente ligada à antropologia cultural.

II — O ESTUDO DOS DIALETOS E DOS FALARES

1. A documentação linguística recorre a materiais mortos e materiais vivos. Por materiais mortos entendem-se duas categorias de fontes:

a) as fontes epigráficas, isto é, as inscrições;

b) as fontes escritas e literárias, isto é, os textos manuscritos e e impressos, de qualquer natureza: religiosos, didáticos, técnicos, e as obras literárias propriamente ditas.

As inscrições, sobretudo as oficiais, são documentos pobres, fragmentários, pouco variados, cheios de nomes próprios e, em geral, de caráter artificial e estereotipado. Além disso, podem necessitar não apenas de interpretação, mas até de decifração.

As fontes escritas fornecem uma documentação mais abundante e mais variada. Contudo, estão longe de satisfazer plenamente a um linguista, porque a língua em que vêm expressas tem muitas vezes caráter oficial (forma literária, usos administrativos, fórmulas notariais ou jurídicas) e um caráter conservador, que as põem em atraso sobre o uso real da sua época. Não fornecem, pois, senão um material incompleto e transmitido por transcrição pouco segura. Nas melhores condições, a escrita é testemunho infiel. As fontes escritas, nada nos informam, por exemplo, sobre a acentuação e a entonação, e fornecem apenas pequena parte do material lexical e do sistema gramatical.

2. Os materiais vivos são tirados da observação direta da língua falada, do uso vivo, sob todos os aspectos: fônico, lexical, gramatical. Constituem, sem dúvida, o melhor material de documentação, o mais seguro, o mais preciso. Graças a ele, é possível obter

a representação tão completa quanto possível de um estado de língua.

3. A técnica moderna nos fornece aparelhos capazes de registrar a palavra com muita fidelidade, em discos ou fitas magnéticas. Esses recursos permitem:

a) fixar, de modo completo e com a máxima precisão, atos da fala, qualquer que seja a velocidade de emissão ou a duração;

b) proceder, de maneira segura, depois do registro, a análises linguísticas minuciosas e controláveis;

c) conservar, sob uma forma viva, amostras suficientemente representativas de línguas ou falares em vias de desaparecimento;

d) de modo mais geral, garantem aos linguistas do futuro o conhecimento de estados de língua anteriores em seu aspecto fundamental, que é o aspecto vocal.

Para o estudo das línguas vivas, recorre-se, conforme o caso, exclusivamente aos materiais vivos ou, concomitantemente, a estes e aos documentos escritos.

III — A PESQUISA LINGUÍSTICA DE CAMPO

1. A pesquisa linguística de campo, ou inquérito linguístico, é o meio de obter dados linguísticos e de estudar fenômenos linguísticos por via direta. Envolve dois participantes: o falante (ou falantes) da língua e o investigador. O primeiro é a fonte da informação e o intérprete das formas a ele apresentadas pelo segundo. Este é o método do informante ou método direto.

A pesquisa de campo pode ser levada a efeito não apenas na zona rural, como a palavra sugere, mas em qualquer lugar, sobre línguas ainda não conhecidas, mal conhecidas ou mesmo aquelas bastante divulgadas. Ela desempenha importante papel no estudo da linguagem. Se dependêssemos apenas dos textos escritos da língua, nosso conhecimento dela seria muito limitado. Na verdade, a história da Linguística não poderia ser contada se não se levassem em conta as informações que os linguistas recolheram trabalhando sobre os materiais vivos das línguas.

2. De várias maneiras a pesquisa de campo pode ter uma importante finalidade:

2.1 — Melhor conhecimento das línguas do mundo, cujo número não sabemos exatamente; varia de quatro a sete mil, segundo estimativas recentes. Só na Africa Ocidental há cerca de 500 línguas. Algumas estão desaparecendo com a morte de seus falantes unilíngues ou com a assimilação dos bilíngues à sociedade dominante. É impossível a descrição de todas de modo completo; mas, nos seus aspectos principais (sistemas de sons, categorias gramaticais) é realizável para muitas delas.

2.2 — A pesquisa de campo é indispensável para o desenvolvimento da Linguística. A descrição das línguas em vias de desaparecimento é tão importante para a nossa ciência como a História Natural para a Biologia. O trabalho de campo, além de ser um antídoto contra excessivas generalizações, tem uma relação direta com o conhecimento das línguas. Quanto mais observação direta, melhores informações sobre a variabilidade das línguas e os seus caracteres universais e particulares.

2.3 — Outras disciplinas dependem da pesquisa linguística de campo para a experimenação e a formulação de problemas: a antropologia, a etnografia, a etnologia, a sociologia e a linguística apoiam-se mutuamente, e a Linguística não pode mais ser ignorada por filósofos, psicólogos e teólogos.

2.4 — Mais do que nunca, o trabalho linguístico de campo é necessário agora. As comunicações se desenvolvem, ampliam e aperçoam, dentro de cada país e com o mundo todo. A moderna tecnologia, que deu ênfase à cibernética, exige muito mais atenção para o problema do conhecimento das línguas. Há línguas novas que aparecem nas relações internacionais, antes simples dialetos, agora elevados à categoria de línguas oficiais, em países que conseguiram a sua autonomia política recentemente, depois que cessou o regime colonialista. Outras, consideradas menores, estão se tornando mais importantes, devido ou a alterações políticas ou à explosão demográfica.

IV — MÉTODOS NA INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA

1. Em princípio, os materiais vivos da língua deveriam sempre ser recolhidos diretamente, isto é, sem intermediário entre o linguista e o falante. Contudo, por razões de ordem prática (comodidade, rapidez, economia), em certos casos, o linguista procede ao recolhimento de dados por intermédio de correspondentes locais: é o **inquérito por correspondência**, ou método indireto.

Este método apresenta inconvenientes: os materiais recolhidos

são menos seguros, sobretudo do ponto-de-vista fonético. A rigor, os materiais assim transmitidos não são mais materiais vivos. Seria aceitável e até certo ponto útil na primeira fase da investigação, como sondagem preliminar, para estabelecer os pontos a investigar pelo método direto e para preparar questionários mais adequados.

2. Pelo método direto, os materiais podem ser recolhidos de duas maneiras:

a) pela observação;

b) pelo inquérito sistemático.

2.1 **A observação.**

Este método de documentação exige que o pesquisador participe durante algum tempo da vida cotidiana do grupo linguístico considerado, apanhando a esmo os elementos da linguagem. Este procedimento convém melhor para o recolhimento dos fatos espontâneos, perfeitamente autênticos, da linguagem expressiva e afetiva. Mas tem inconvenientes: é muito demorado e convém apenas ao estudo da fala de grupos limitados, de fraca dispersão geográfica. Além disso, nem sempre é possível ao pesquisador estranho ao meio, e os seus resultados são falhos e insuficientes, pois as palavras e formas registradas correspondem a vários graus de vitalidade e são de caráter misturado. Não serve numa investigação global, que abranja todas as esferas semânticas.

2.2 — **O inquérito.**

É uma pesquisa ativa e sistemática, rigorosa sob o ponto-de-vista científico. Exige, principalmente:

a) determinação do grupo a estudar, a área e os pontos a visitar;

b) organização de questionários, em função da documentação procurada (estudo fonético, fonológico, lexical, morfológico, etc.) e das realidades locais (o que implica no conhecimento prévio do meio ambiente);

c) escolha e formação dos entrevistadores: formação técnica, cultural, psicológica;

d) processo de inquérito: conversação dirigida, utilização da "realia" ou de figuras, no lugar de trabalho do informante, a portas fechadas ou no meio familiar, etc.;

e) escolha dos informantes: idade, sexo, grau de instrução, profissão, família, comunicabilidade, dicção, etc.;

f) o princípio e o sistema de transcrição: alfabeto normal adaptado ou o estritamente impressionista.

O inquérito é muito mais rápido que a observação, mais sistemático, porém mais fragmentário. Seu caráter oficial pode prejudicar a espontaneidade e a autenticidade dos fatos linguísticos recolhidos. Certas categorias de palavras, como as atingidas pelo tabu e as afetivas ou emotivas, dificilmente se obtêm pelo inquérito.

A observação e o inquérito podem ser combinados. O pesquisador que se dedica principalmente à observação eventualmente poderá completar a sua documentação com alguma investigação especial, sobretudo nos vocabulários técnicos. O que trabalha com um questionário aproveitará os contatos com os informantes para alguns momentos de conversação livre, para relaxar a tensão entre ambos e obter informações adicionais não previstas no questionário.

O emprego do gravador apresenta alguns problemas. Às vezes, a gravação poderá ser feita sem que o informante saiba, a fim de que seja mais espontâneo. Quando isto não é possível, será preciso fazer uma preparação psicológica prévia.

2.2.1 — Num inquérito linguístico sistemático é imprescindível um **questionário** previamente organizado sobre uma, várias ou todas as esferas semânticas, conforme os objetivos da pesquisa e adaptado às condições do lugar ou região.

A elaboração de um questionário pressupõe conhecimentos da vida do lugar e da linguagem popular. Esta tarefa precisa ser verificada e testada em pesquisas preliminares. O questionário deve ser elaborado com antecedência, mas só a experimentação pode revelar o que realmente se deve e pode perguntar.

As perguntas devem ser pertinentes, isto é, adaptadas à vida do lugar e suscetíveis de oferecer rica sinonímia, variantes fonéticas interessantes ou alternâncias morfológicas de valor.

Numa pesquisa de maior amplitude, em vez de um questionário, pode-se trabalhar com três: o normal, com cerca de duas mil perguntas; uma versão reduzida do normal para as grandes cidades, onde não há vida rural, mas outras atividades desconhecidas no campo; uma variante mais rica que o normal, para fixar o tesouro linguístico dos grupos dialetais de maior interesse.

Deve ser dado maior destaque à terminologia corrente nos diversos ramos da atividade humana, pois ela significa o conhecimento da respectiva cultura.

Como complemento aos dados recolhidos, são de grande valor as fotografias e desenhos das ferramentas e objetos primitivos, pois, tanto as coisas como as palavras que as designam começam a ser substituídas por produtos modernos.

2.8.2. — Eis um breve esquema de assuntos sobre os quais pode ser elaborado o questionário, adaptado às condições locais.

I — A TERRA: as plantas, a florestas, árvores, árvores frutíferas, frutos, árvores ornamentais, jardinagem, legumes, cereais; culturas agrícolas (café, algodão, soja, pimenta, etc.), ferramentas e máquinas agrícolas; animais selvagens e domésticos, aves, pássaros; criação (gado, galinhas, porcos, abelhas etc.), leite e derivados, frigoríficos; peixes de mar e de água doce, a pesca, os instrumentos da pesca; meios de transporte; o cavalo, os arreios, o carro; os insetos; a caça; a constituição do solo, minerais, metais; os fenômenos atmosféricos, os corpos celestes; indústrias extrativas; manufaturas domésticas; indústrias de transformação; fábricas em geral.

II — O HOMEM: nascimento, casamento, morte; nomes de parentesco, de saudação, de relações sociais; as partes do corpo, defeitos físicos e morais; doenças e seus remédios; a casa e seus anexos, o mobiliário; a cozinha e seus utensílios; luz e fogo; a higiene, as instalações; a decoração; a alimentação; o vestuário, o calçado; a vida moral, vícios e virtudes; a vida religiosa, crendices, superstições, práticas religiosas; a vida social; jogos e divertimentos, a música, o canto, a escola, a igreja, o clero; as profissões, outras atividades lucrativas; artes, festas populares, jogos e brinquedos; costumes, tradições; trajes típicos; pesos e medidas; dinheiro e comércio, números; o tempo e sua divisão.

III — ASSUNTOS ESPECÍFICOS: a feira, o mercado, produtos que ali se vendem; casas de comércio, lojas, vendas, bares, mercearias, restaurantes; repartições públicas; oficinas de sapateiro, de serralheiro, de carpinteiro, mecânicas, etc.; o automóvel e suas partes, a bicicleta, a carroça do colono, o carro de boi; armas de fogo, armas brancas; fogos de artifício; esportes; anúncios, cartazes, tabuletas, luminosos; os móveis, a esteira, a cama, os armários, a rede de dormir; a moda feminina, os adornos, a costura; a moda masculina, os trajes de ocasião; as comidas típicas regionais e nacionais; as bebidas; lendas, contos populares, cantigas de ninar, cantigas de roda; expressões da linguagem emotiva, a linguagem jocosa, apelidos e xingamentos, as gírias.

IV — A NOSSA EXPERIÊNCIA

Na regência da disciplina de Filologia Românica, ao mesmo tempo que realizávamos pesquisas pessoais, entre outras sobre a população ucraíno-brasileira de Dorizon, chamamos para nós a responsabilidade de despertar nos estudantes de Letras o espírito da pesquisa linguística desinteressada e a mentalidade dialetológica pregada pelo saudoso mestre, Serafim da Silva Neto. Com este objetivo, a título de experimentação e iniciação na pesquisa linguística de campo, incumbimo-los de recolher, tanto na cidade como na zona rural, aspectos da língua oral ligados a uma atividade humana e a uma certa esfera semântica. Devidamente motivados, instruídos e orientados, apesar das condições precárias (falta de tempo, falta de instrumental adequado), os estudantes têm revelado uma disposição fora do comum para este tipo de trabalho. Em período de férias ou em fins de semana, deslocam-se para o interior ou para o litoral e, sem medirem sacrifícios, desincumbem-se airosamente da tarefa, trazendo farto material, que até agora não foi devidamente aproveitado, por falta de meios de divulgação. Oportunamente, seus trabalhos terão o destaque merecido. Entre os bons resultados conseguidos com esta experimentação, poderíamos apontar os seguintes:

1. Os estudantes, futuros professores, capacitam-se de que fora dos textos da língua culta comum e da língua literária que habitualmente compulsam, existe uma outra realidade linguística de grande interesse para a nossa observação e estudo: a língua oral, os falares regionais, a fala popular, as gírias, que importa descrever e analisar, uma vez que contribuem para a evolução da língua comum.

2. Despertam e desenvolvem o espírito científico e metodológico na observação dos fatos da língua, como um reflexo do pensamento determinado pelas estruturas sociais e não submetidos às leis da lógica. "O estudo é científico quando se baseia na observação dos fatos e se abstém de propor uma escolha entre esses fatos em nome de certos princípios estéticos ou morais", na definição de André Martinet (Eléments de Linguistique Générale).

De acordo com este princípio, a linguística científica não tem caráter normativo e prescritivo, nada tem a ver com a gramática escolar. O linguista contemporâneo vê simplesmente os fatos que precisa anotar e explicar, não tomando partido nem a favor do purista nem do iconoclasta. O primeiro fica chocado diante de "vi o menino que o pai dele morreu", "não vim por causa que fiquei do-

ente" ou "vi ele mas não lhe chamei"; o segundo aprova e usa sem critério termos, locuções e construções populares, afirmando que hoje se escreve como se fala.

Pela observação direta, o estudante entende que a língua modifica-se no decurso do tempo, para se adaptar de maneira mais simples, clara e econômica às necessidades de comunicação, de simples expressão ou à função puramente estética. Assumirá, portanto, uma atitude permissiva ante as inovações que a língua manifesta, não se escravizando aos padrões antigos e fora de uso, mas também não aderirá sem mais aquela a formas novas da língua, que na realidade não contribuem para o seu enriquecimento ou expressividade.

3. Sendo a pesquisa linguística de campo "um saber de experiências feito", na expressão de Manuel de Paiva Boléo, ao realizá-la, o estudante entra em contato direto com os seus informantes no ambiente próprio destes, passando a conhecer pessoas de vários níveis sociais, mas sobretudo a gente simples do povo. Acostumado ao conforto da civilização urbana e ao trato social mais refinado, nesta oportunidade o jovem universitário passa a conhecer também uma outra realidade humana, simples, ingênua, mas rica de valores multiformes, espirituais, morais e criativos em termos de cultura. Esta experiência, a nosso ver, é tão preciosa e útil quanto a descoberta científica.

4. Com este espírito e com estes objetivos, os nossos estudantes já recolheram materiais linguísticos sobre os seguintes assuntos: cultivo, beneficiamento e industrialização do café, do mate; a viticultura e a fabricação do vinho; a pesca marítima; os meios de transporte do colono; a moda feminina e a costura; o comércio de tecidos e de armarinhos; as corridas de cavalos; a fabricação do pão; a fabricação da renda em Santa Catarina; o jogo de bolinhas de vidro; a criação de galinhas e de suínos; a comida típica italiana; os trajes típicos dos grupos folclóricos ucraíno, polonês, português, alemão, japonês, holandês e gaúcho; a gíria da caserna e dos aviadores, e outros, que seria longo enumerar.

5. Evidentemente, o campo a explorar é vastíssimo, extremamente variado e rico. Mas, o problema que mais nos chama a atenção e mais nos preocupa no momento é o do contato entre linguas e dialetos, de modo mais preciso, o contato entre o português e as falas importadas por via de imigração, que aqui começaram a chegar há pouco mais de cem anos. Nenhum estudo em profundidade foi

ainda realizado neste setor de tanta importância. Com relação ao português do Brasil, só existem estudos quanto às influências por ele recebidas das línguas indígenas e africanas. Entretanto, salta aos olhos que, assim como se constitui num 'Brasil diferente' (Wilson Martins) sob o aspecto étnico e de cultura popular, o sul também difere do resto do país quanto à linguagem que nele se fala.

A questão é esta: até que ponto o português falado nos estados sulinos difere da língua padrão devido às interferências linguísticas ocasionadas pelo bilinguismo ativo ou subjacente de grande parte de sua população? O problema se afigura bastante complexo, pois sabemos que o contato entre linguas é apenas uma face do contato entre culturas diferentes. A mudança de língua é uma consequência da mudança de cultura. Mudança não significa o simples abandono da cultura e da língua anteriores. Toda mudança acarreta, a longo prazo, a aquisição de novos elementos e a eliminação ou reorganização de outros, mas não de todos. Quais os que permanecem e se incorporam às novas estruturas sócio-culturais e linguísticas?

Teoricamente, a escola, a imprensa e outros meios de aculturação agem irresistivelmente sobre as culturas e línguas que ficaram em situação de inferiodade. Na prática, porém, esta ação unificadora não atinge a todos os falantes, não é uniforme nem sistemática. No próprio corpo docente de nossas escolas, sobretudo nas de nível primário, militam professores que trazem em si as marcas desses contatos e interferências. Excetuando aqueles que muito cedo mantiveram contatos estreitos e demorados com falantes nativos e portadores da cultura tradicional brasileira e que, portanto, se aculturaram de forma ideal, os demais não transmitem a seus alunos a língua oral considerada padrão.

É fato conhecido que, até há 25 anos, em certos núcleos de colonização estrangeira, o ensino nas escolas, a prédica nas igrejas e as relações comerciais e sociais se faziam quase exclusivamente em língua ou dialeto estrangeiro. Foi necessária a intervenção enérgica das autoridades para reduzir o seu uso e minimizar a sua influência.

Eis, pois, a nossa tarefa mais importante: descrever o português falado nesta parte do nosso país, marcado, sem dúvida, pelo contato com vários idiomas ainda hoje atuantes. Mas, para termos uma visão clara da situação e da causalidade dos fenômenos que observarmos, não poderemos desvincular a língua da cultura material e espiritual dos falantes.

OBRAS CONSULTADAS:

(1) MARTINET, André — Eléments de Linguistique Générale, Armand Colin, Paris, 1961.
(2) WEINREICH, Uriel — Languages in Contact, Mouton & Co., The Hague, 1966.
(3) SAPIR, Edward — Linguística como Ciência, Livr. Acadêmica, Rio, 1961.
(4) BAL, Willy — Introduction aux Etudes de Linguistique Romane, Didier, Paris, 1966.
(5) SILVA NETO, Serafim da — Língua, Cultura e Civilização, Livr. Acadêmica, Rio, 1960.
(6) CUNHA, Celso — Língua Portuguesa e Realidade Brasileira, Tempo Brasileiro, Rio, 1968.
(7) BALLY, Charles — Le Langage et la Vie, Librairie Droz, Genève, 1952.
(8) SILVA NETO, Serafim da — Ensaios de Filologia Portuguesa, Edit. Nacional, S. Paulo, 1956.
(9) DEROY, Louis — L'Emprunt Linguistique, Les Belles Lettres, Paris, 1956.
(10) DAUZAT, Albert — La Vida del Lenguaje, El Ateneo, B. Aires, 1946.
(11) REN CHAO, Yuen — Langage et Systèmes Symboliques, Payot, Paris, 1970.